I.

A primeira-ministra britânica afasta a possibilidade de mais um referendo sobre o Brexit e diz que em breve Londres vai apresentar uma nova proposta para o futuro da fronteira irlandesa.

A solução para a crise das migrações é não deixar entrar migrantes e expulsar os que estão em território comunitário. Estas foram declarações do líder húngaro Viktor Orbán durante a cimeira informal de Salzburgo, de onde saiu o conceito de "solidariedade flexível", que vamos aqui analisar.

Ainda nesta edição: Arranca hoje mais uma sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Xi Jinping e Vladimir Putin não vão marcar presença em Nova Iorque.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa.

A primeira-ministra britânica, Theresa May, disse que vai apresentar "em breve" aos europeus uma nova proposta sobre a fronteira irlandesa, uma das principais questões por resolver nas negociações com a União Europeia sobre o Brexit. As declarações foram feitas após a cimeira informal de Salzburgo na Áustria, que se realizou na semana passada.

Londres e Bruxelas esperam chegar a um acordo na próxima reunião, em Outubro, na capital belga, sobre a saída do Reino Unido e sobre o quadro da futura relação.

Se até lá as negociações não avançarem, o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, admite convocar uma cimeira extraordinária em Novembro.

Em conferência de imprensa, Theresa May disse que a sua proposta de acordo, conhecida como o plano *Chequers*, é "a única séria e credível".

Isto pouco depois de Donald Tusk ter afirmado que a proposta não vai funcionar.

Um dia após o encontro, a líder britânica voltou a rejeitar uma solução que prenda Londres a Bruxelas.

Theresa May, primeira-ministra do Reino Unido

Em inglês simples, isto significaria que teríamos de cumprir todas as regras da União Europeia. A imigração sem controlo da União Europeia continuaria e não poderíamos fazer os acordos comerciais

que queremos com outros países. Isso seria fazer pouco do referendo, que realizámos há dois anos.

Entretanto, o líder da oposição no Reino Unido, Jeremy Corbyn, defendeu eleições gerais.

Jeremy Corbyn, líder do partido Trabalhista

Este governo não parece muito forte. Olha para vários sentidos ao mesmo tempo. Por um lado, o acordo comercial com os Estados Unidos. Por outro, uma relação com a Europa. Creio que poderemos estar perante eleições gerais. Nós preferíamos eleições gerais, porque podemos negociar as nossas relações futuras com a Europa. Mas vamos ver o que sai do congresso. Se fossemos eleitos, iríamos directamente para a mesa de negociações, porque queremos proteger os empregos e as indústrias neste país. Queremos garantir uma boa e efectiva relação de troca com a União Europeia.

O presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, reiterou que está preparado para um cenário em que não haja acordo com o Reino Unido.

+++

E connosco ao telefone está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa, baseado em Bruxelas.

Victor, a seis meses do Brexit restam imensas interrogações. Como é que podem as duas partes caminhar para um acordo?

A verdade é que Theresa May cometeu um erro muito grande em Salzburgo ao insistir no plano Chequers, quando sabia claramente que esse plano não tem apoio suficiente no parlamento britânico. E mais ainda, também não tem o apoio total do seu próprio governo. Theresa May também pensou que poderia dividir a União Europeia, e esses dois erros, evidentemente, levaram os líderes europeus a tentar clarificar imediatamente a situação, ou seja, a dizerlhe: Chequers não, Chequers não pode funcionar e tentar dividir a União Europeia é uma metodologia que não pode ser aceite.

Que alternativas poderá incluir Theresa May na nova proposta a a apresentar em breve?

Neste início de semana, tudo parece indicar que a preferência de Theresa May - e sobretudo a preferência do seu governo mais do que da própria primeira-ministra - será um acordo do tipo Canadá, mas um acordo Canadá+, ou seja, um acordo de livre comércio entre a União Europeia e o Reino Unido, muito semelhante ao acordo do Canadá, mas com mais alguns elementos, tendo em conta que apesar de tudo, o Reino Unido foi um estado-membro da União Europeia durante 45 anos e, por isso, tem contrariamente ao Canadá, muitas políticas em vários sectores que são idênticas às políticas do resto da Europa.

Entretanto, o jornal The Sunday Times revelou que a equipa da primeira-ministra britânica começou a avaliar os planos de contingência para um eventual bloqueio nas negociações do Brexit, que incluem a marcação antecipada de eleições em Novembro. Downing Street já desmentiu. Podem-se esperar eleições antecipadas, Victor?

Neste momento pode-se esperar tudo, ou seja, nós estamos num momento de grande incerteza. Nós vamos ter dentro de dias a convenção do Partido Conservador. Ninguém sabe exactamente como vai correr essa convenção. Muito possivelmente Theresa May vai tentar salvaguardar a sua posição enquanto líder do Governo, mas a verdade é que dentro do Partido Conservador e dentro do próprio governo há muita gente que tem uma opinião diferente de Theresa May e que vai provavelmente entrar em confronto com Theresa May. Ou seja, a maneira como vai decorrer a convenção do Partido Conservador é fundamental. Por outro lado, também é fundamental que Theresa May perceba que, por um lado, não só o plano Chequers não pode ser aceite pela União Europeia, como também ela deve compreender que as iniciativas em relação a um possível acordo têm que partir do lado britânico. A ideia que ela está a fazer crer - que a bola está agora no campo da União Europeia - é uma ideia que levará novamente a primeira-ministra britânica contra a parede. Ela disse na sexta-feira passada que estava à espera de propostas vindas de Bruxelas, mas Bruxelas diz fundamentalmente que as propostas devem vir do lado de Theresa May e nomeadamente no que diz respeito à questão extremamente espinhosa que é a da Irlanda do Norte e da fronteira entre a Irlanda do Norte e a República da Irlanda.

Qual poderá ser a solução para esta fronteira?

Tem-se falado em soluções informáticas e em soluções de controlos à distância, que na realidade não existem ainda, não estão preparados, não há nenhum sistema que funcione dessa maneira e que provavelmente seriam muito demorados em termos de levar à prática, ou seja, nós estamos perante uma situação na Irlanda do Norte que é extremamente complexa e para a qual parece não haver solução. E eu penso que uma das grandes questões é dizer claramente à senhora Theresa May e aos britânicos que a saída do Reino Unido da União Europeia implica uma nova situação política na ilha que é a Irlanda, e é preciso que a Irlanda do Norte, a Irlanda e Londres também encontrem uma solução política para um problema, que para além de ser um problema europeu, é antes, e acima de tudo, um problema relativo aos irlandeses.

III.

Nesta cimeira informal de Salzburgo, os países estiveram unidos em relação ao Brexit. O mesmo não se pode dizer em relação à questão da migração.

Para o primeiro-ministro húngaro - conta aqui a jornalista Marta Melo - a solução é não deixar entrar migrantes e expulsar os que já entraram.

O primeiro-ministro da Hungria defendeu em Salzburgo, na Áustria, que a solução para a crise das migrações na União Europeia é não deixar entrar migrantes e expulsar os que já estão em território comunitário.

Viktor Orbán disse também que a maioria dos Estados-membros da União Europeia rejeita a proposta da Comissão Europeia de reforçar o corpo permanente e o mandato da Agência Europeia da Guarda de Fronteiras e Costeira - a FRONTEX.

Orbán frisou que a Hungria não precisa que a agência substitua na vigilância das suas fronteiras, até porque tal suporia um atentado à soberania nacional.

Outros países, como a Eslováquia e a República Checa, também deixaram criticas à proposta de aumentar os recursos da FRONTEX, argumentando que o que deveria ser feito era ajudar economicamente os países com fronteiras externas a fortalecer os próprios sistemas de controlo.

Num balanço à cimeira, o primeiro-ministro português abordou o conceito de "solidariedade flexível" que saiu da reunião, mas que ainda não tem contornos definitivos.

António Costa disse que a reunião abriu um caminho para solucionar a crise das migrações na União Europeia, que ajudará a evitar criar "fracturas muito profundas".

+++

Marta Melo com mais detalhes aqui sobre a cimeira informal de Salzburgo.

Victor, aqui na Áustria falou-se de "solidariedade flexível". Quer isto dizer que quem não quer receber migrantes, pagará para ter as portas fechadas?

A expressão "solidariedade flexível" foi uma maneira de resolver um impasse que continua a existir. Ou seja, há mais de um ano que a União Europeia procura uma solução comum para a questão que é de todos, que é a questão das migrações. Continua a não encontrar uma solução para isso e vai inventando novas expressões. Agora a expressão que saiu de Salzburgo foi a de "solidariedade flexível", ou

seja, em cada país escolheria a sua versão e a sua maneira de tratar a questão das migrações. É evidente que isso é apenas poeira dos olhos dos europeus, e na realidade não resolve a grande questão que é a questão dos refugiados. E eu penso que sem se dizer claramente que é preciso rever o Acordo de Dublin sobre os refugiados não haverá progresso nesta matéria. No entanto, ninguém quer dizer isso, porque o Acordo de Dublin serve determinados interesses - e nomeadamente os interesses dos países que estão mais longe do Mediterrâneo, na medida em que, segundo o Acordo de Dublin, os refugiados devem ser recebidos e tratados nos países onde chegam pela primeira vez, e isso quer dizer fundamentalmente Itália, a Grécia e a Espanha.

Mas o que defende exactamente este novo conceito da "solidariedade flexível"?

A ideia seria que os países que não aceitassem refugiados teriam que pagar para um orçamento comum, orçamento esse que seria utilizado para fazer a integração dos refugiados nos países que os viessem aceitar, ou seja, ou aceitas refugiados ou pagas. É um pouco esse princípio. Mas na realidade, a verdade é que países como a Hungria não só não aceitam refugiados, como também não estão de modo algum dispostos a pagar os custos desses refugiados noutros países europeus.

E que momento desta cimeira informal de Salzburgo destacaria?

Eu penso que a única ideia concreta que saiu da cimeira da semana passada sobre as migrações foi a de procurarem um acordo com o Egipto, ou seja, a União Europeia decidiu que depois dos acordos com a Turquia e com a Líbia, é agora necessário fazer um acordo com o Egipto - um acordo que pague ao Egipto e às autoridades desse país para que eles evitem que os migrantes atravessem o Egipto e possam depois tentar emigrar para a Europa. Essa foi de facto a única conclusão concreta.

IV.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

E arranca já hoje mais uma sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas. Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia, viaja até Nova Iorque com uma delegação de alto nível.

Entre os temas centrais ao longo destes dias está a desnuclearização da península coreana, o pacto nuclear iraniano e a situação dos Royingya no Myanmar. Mais com a jornalista Sofia Jesus.

Em vésperas de mais uma sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas – a sessão número 73 – Donald Trump retoma as críticas à organização.

Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos

Sempre disse que as Nações Unidas têm um enorme potencial, mas não têm estado à altura desse potencial. Sempre achei surpreendente que não haja mais coisas resolvidas, porque temos imensos países reunidos num único lugar, mas não parecem conseguir fazê-lo. Penso que vai conseguir. Mais uma vez, anseio por estar nas Nações Unidas para a semana, vamos fazer um discurso, teremos muitas reuniões. Podem acontecer coisas boas.

O debate geral da sessão da Assembleia Geral da ONU - órgão constituído por representantes dos 193 estados-membros - tem início hoje em Nova Iorque. Arranca com intervenções de vários líderes mundiais, entre eles estão Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, o presidente do Brasil, Michel Temer, e Emmanuel Macron em representação da França.

Entre os temas centrais ao longo destes dias está a desnuclearização da península coreana, o pacto nuclear iraniano e a situação dos Royingya no Myanmar.

Jean-Claude Juncker, presidente da Comissão Europeia, já se encontra neste momento em Nova Iorque com uma delegação de alto nível, que inclui Federica Mogherini, Alta Representante da União Europeia para Política Externa e Segurança, e também Donald Tusk, Presidente do Conselho Europeu.

A crise na Síria, o ambiente e os direitos humanos são alguns dos assuntos que levam Bruxelas a Nova Iorque.

O debate geral tem este ano como tema "Tornar a ONU relevante para todos: Liderança global e responsabilidade partilhada para sociedades pacíficas, equitativas e sustentáveis".

+++

A Assembleia Geral das Nações Unidas decorre até ao dia 5 de Outubro.

Victor, esta sessão vai ter duas ausências de peso - os presidentes da Rússia e da China. Como é que se pode ler este silêncio, esta ausência dos dois líderes?

Eu penso que a principal razão é para não terem que se encontrar com o presidente norte-americano Donald Trump. Na realidade, o presidente americano vai estar na Assembleia Geral, vai presidir esta semana a uma reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas e eu não vejo nem o presidente Putin nem o presidente Xi estarem à volta da mesma mesa com o presidente Donald Trump,

numa altura em que há grandes tensões entre os Estados Unidos, a China e a Rússia e nomeadamente numa altura em que Donald Trump vai certamente falar das questões do Irão e do relacionamento da comunidade internacional com o Irão e aí há grandes divergências.

Que é que podemos espera mais desta sessão, depois das críticas de Donald Trump à ONU?

Nós estamos numa situação muito difícil no que diz respeito às organizações multilaterais e por isso é importante frisar que uma delegação muito forte da União Europeia estará esta semana em Nova Iorque para assistir à Assembleia Geral das Nações Unidas, para participar em vários tipos de encontros, para mostrar o apoio dos estados europeus e da União Europeia ao sistema das Nações Unidas. Temos uma situação complexa, temos uma situação em que as Nações Unidas estão debaixo de ataque, mas temos também neste momento um parceiro muito forte que é a União Europeia, que tem uma parceria muito forte com a ONU em várias áreas, desde a ajuda humanitária à gestão de crises, a projectos de desenvolvimento em matéria de clima, em matéria de eleições, por exemplo. A União Europeia é neste momento um dos grandes pilares das Nações Unidas e procura também que seja a parte africana um outro grande pilar também das Nações Unidas.

Neste momento de tensão em que Donald Trump mostram querer enfraquecer as instituições internacionais, que papel é que António Guterres pode ter aqui?

O secretário-geral das Nações Unidas, incluindo evidentemente o secretário-geral actual, António Guterres, tem, segundo a Carta das Nações Unidas um papel muito importante para chamar a atenção dos líderes mundiais sobre quais são as grandes ameaças à paz e à segurança internacionais. E esse deve ser o seu papel. António Guterres deve continuar a ser a voz da verdade, a voz dos alertas, a voz que chamará a atenção dos diferentes líderes para as grandes questões internacionais, seiam elas questões relacionadas com as crises, nomeadamente a crise em Myanmar ou a crise na Síria ou crises no continente africano, como também deve ser a voz que deve chamar a atenção para os grandes problemas que continuam a desafiar a comunidade internacional, como os problemas da pobreza e do subdesenvolvimento e os novos problemas, nomeadamente os do clima e do meio ambiente. E eu penso que nessas áreas, António Guterres desempenha um papel importante, continuará certamente a insistir nesses temas e na medida do possível irá fazendo avançar a agenda internacional. Mas é evidente que com Donald Trump em Washington, a margem de manobra do secretário-geral das Nações Unidas é sempre muito limitada.

Faria sentido uma maior intervenção da ONU e de António Guterres na crise dos refugiados na Europa, por exemplo?

Certamente que faria, mas a verdade é que os dirigentes europeus não querem de modo algum que as Nações Unidas façam parte da discussão política que neste momento está a decorrer na Europa sobre a questão das migrações, ou seja, os estados-membros da União Europeia decidiram deliberadamente excluir as Nações Unidas de toda a discussão política e limitam o papel das Nações Unidas a um papel de ajuda e de implementação das decisões que a União Europeia venha a tomar. Ou seja, utilizam as Nações Unidas como um mecanismo de implementação, como um mecanismo de ajuda humanitária, mas não guerem de modo algum gue as Nações Unidas e nomeadamente o secretário-geral das Nações Unidas intervenham na discussão, no debate que está a decorrer há muitos meses entre os líderes europeus sobre a questão das migrações, porque eles consideram que isto é uma questão que tem a ver com a soberania dos estados-membros, tem a ver com a soberania da União Europeia e não deve ser trazida para o fórum internacional que é as Nacões Unidas.

V.

Estivemos com Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

E estamos mesmo chegar ao fim. Na nossa nota cultural damos conta de uma obra que acaba de ser editada em Espanha. Chamase: Kautela. Um fotógrafo na Espanha franquista.

Trata-se da obra de um fotógrafo desconhecido Francisco Martínez Gascón que fotografou a Guerra Civil Espanhola do lado das tropas franquistas para um diário de Aragão. Noventa e sete imagens, muitas delas são inéditas, foram agora publicadas em livro.

O Magazine Europa vai hoje de férias. Volta daqui a duas semanas. Até lá.

[ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +. Estamos no Facebook em Magazine Europa.